

MEMORIANDO ITINERÁRIOS DA HISTÓRIA DA AMÉRICA NO BRASIL

Luiz Fernando Silva Prado¹
lfspado@yahoo.com.br

RESUMO

Esse artigo examina três importantes memoriais, elaborados para concursos de Professor Titular em História da América (FFLCH/USP). O primeiro, apresentado em 1996 por Janice Theodoro da Silva; o segundo, de Maria Ligia Coelho Prado, em 2001 e, em 2006, o de Maria Helena Rolim Capelato. Com eles, pretende-se rastrear as trajetórias de vida das professoras, entrelaçadas com o percurso profissional, articulando-os com os contextos históricos vividos. Mais precisamente, como objeto central de estudo, almeja-se percorrer o acidentado itinerário da História da América no Brasil, protagonizados pelas autoras arroladas nesta reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: Memoriais, História, História da América.

ABSTRACT

This article examines three major memorials, prepared to a Professor competition in American History discipline (FFLCH / USP). The first one, proposed in 1996 by Janice Theodoro da Silva; the second one, Maria Ligia Coelho Prado, in 2001 and in 2006, Maria Helena Rolim Capelato's memorial. With them, this article intends to trace the paths of these teachers' lives, intertwined with the careers, linking them with experienced historical contexts. More precisely, as the central object of study, aims to travel the bumpy journey in the history of America in Brazil, conducted by the authors enrolled in this reflection.

KEY WORDS: Memorials, History, History of America.

¹ Prof. Universidade Estadual de Goiás
Doutorando pela Universidade Federal de Goiás
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG)

Trabalhar com memorial foi um desafio e uma experiência gratificante. Esta documentação foi localizada durante uma investigação para o doutorado no Centro de Pesquisa Histórica (CAPH), da Universidade de São Paulo, em 2009. Os três memoriais das protagonistas deste artigo provocaram um *insight*: o de trazer à tona valiosas informações sobre a trajetória da História da América no Brasil, a partir da USP, visto que suas autoras são referências unânimes como pioneiras nos estudos americanos no país.

O trato metodológico dessas fontes não foi fácil devido às diversas questões teóricas e divergentes postas a respeito das relações entre autobiografia, memória e história.

Sucintamente, optou-se pelo entendimento do memorial como mapa representativo da vida acadêmica social e cultural do autor, portador de sua história, de sua memória e da memória social. Um instrumento que permite reflexões sobre Sociedade e Educação no qual um sujeito pensante re-elabora e re-situa sua trajetória de vida em relação à sociedade e outros sujeitos. Deve-se, assim, reconhecer que existem peculiaridades inerentes ao indivíduo, mas que “a história particular de cada um de nós se entretetece numa história mais envolvente da nossa coletividade” (Severino, 2001: 175).

Nóvoa (2000) chama atenção para os cuidados que se deve ter quando se trabalha com autobiografias, evitando, assim, cercear as fronteiras disciplinares. Reconhece o autor, que esse é um documento de reflexões sobre trajetórias profissionais de professores através de história de vida como forma de abordagem para o conhecimento de processos educativos.

Apontado parte desse problema teórico, ocorreu outro de ordem metodológica: o de como priorizar, selecionar, recortar aquilo que interessaria na escrita sem perder a substância das escrituras. E mais, como abarcar e discutir a vasta produção científica das três memorialistas, tanto no âmbito do ensino e da pesquisa.

A prudência e bom senso fizeram com que me debruçasse, descritivamente, sobre suas carreiras profissionais e, portanto, descartei as experiências docentes, as orientações e participação em bancas de concursos, entre outros férteis trabalhos.

Tentou-se, ainda, entrelaçar suas histórias no âmbito coletivo respeitando as individuais e, por fim, considero a natureza deste texto mais **uma homenagem à tríade do que propriamente um ensaio acadêmico**: uma disposição afetiva de rastrear o itinerário profissional das protagonistas.

DA INSPIRAÇÃO MOMENTANEA AO AMOR À PRIMEIRA VISTA - A GRADUAÇÃO

Contemporâneas de uma geração, conforme Janice, a última *geração romântica*, Maria Helena Capelato, Maria Ligia Prado e Janice Theodoro cursaram História na Universidade de São Paulo, entre 1968 e 1972, conciliando vida familiar, estudos e militância política. Para Maria Helena, a escolha do curso foi casual, de *inspiração momentânea*, enquanto para Ligia foi *amor à primeira vista*, mas todas reconhecem que esta foi uma etapa dinâmica de suas vidas.

Vivenciara prodigiosas descobertas intelectuais e memoráveis emoções políticas. O ambiente acadêmico internacional e nacional fervilhava politicamente, estimulado, principalmente, pelo movimento estudantil parisiense de 1968. No Brasil, após o Golpe Militar de 1964, a repercussão daquela manifestação foi recebida com excitação por estudantes e professores afinados com as idéias de esquerda que se mesclavam com as do movimento de contracultura. Embora, “muitos professores do curso de história, salvo exceções, não identificavam com essas tendências” (Capelato, 2006). Tudo isso era debatido com grande entusiasmo, orgulho e coragem nos espaços do prédio da FFLCH da USP.

Num mundo politicamente bi-polarizado pela Guerra Fria, que exigia posturas ideológicas radicais e antagônicas, essas jovens estudantes tiveram que se posicionar face aos embates políticos da época. Incitadas pelos eventos daquele momento histórico, as graduandas optaram politicamente pela “esquerda estudantil”, bastante atuante à época. Participaram de assembléias, passeatas e, com “a força e a verdade da História acreditávamos que a ditadura seria vencida” (Prado, 2001). Isto porque, “naquela época nós estudantes e professores queríamos mudar o rumo da história” (Capelato, 2006).

O sonho, de repente, desmoronou com o Ato Institucional n. 5, em 1969. Iniciou-se um processo de repressão violenta no meio acadêmico brasileiro resultando na cassação de inúmeros professores e alunos. A delação desses tornou-se rotina; nas aulas aprendia-se a entender as metáforas: “foram tempos difíceis, de medo, de perseguições, mas também de fortes amizades, de lealdade, de solidariedade e de muita esperança no futuro” (Prado, 2001). Acreditavam estar do lado adequado da trincheira, com a História apontando a direção certa. Assim, de acordo com Janice, “nós nos despedimos dos anos 1960” (Theodoro, 1996).

Durante esses “anos de chumbo”, as protagonistas tentaram conjugar intensa militância política com uma sólida formação acadêmica. Dedicaram-se, portanto, ao

curso com disciplina e curiosidade intelectual, “descobrimo "as matérias" interessantes e suportando as ruins ou medíocres” (Prado, 2001).

Esse mundo conturbado ressoava no ambiente acadêmico mundial provocando questionamentos teóricos. Decorre daí o fascínio das memorialistas pelas análises historiográficas e os desafios das teorias, visando o entendimento daquele insensato período.

Neste contexto, para Maria Helena “desinteressavam-me autores da história tradicional como Langlois e Seignobos e me aproximei de autores prestigiados na época, como Herbert Marcuse” (Capelato, 2006).

Para Maria Ligia, foram importantes na sua formação acadêmica inicial Lucien Goldman, Maurice Dobb, Eric Hobsbawm e, entre os brasileiros, Caio Prado Júnior, com os quais descobriu o marxismo. Complementando esta formação intelectual, deve-se ressaltar as aulas ministradas pelos professores Maria Odila Silva Dias, José Sebastião Witter e Carlos Guilherme Mota.

Prossegue Ligia, que durante a graduação – marcada pelo marxismo – a leitura dos clássicos era imprescindível, como *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*, *O Manifesto Comunista*, *As lutas de classe na França*, *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Portanto, a graduação no curso de História da USP era pensada, produzida e ensinada, quase consensualmente, segundo determinadas categorias marxistas: as relações entre a infra e a super estrutura; o entendimento que a ação dos homens estava limitada pelas "condições objetivas colocadas pela realidade concreta" e que o modo de produção era concebido como categoria fundamental de análise, aceitando, ainda, que "o concreto era o resultado de múltiplas diversidades".

Para Janice, leitora dos teóricos da dependência, as proposições daqueles intelectuais geraram inúmeras polêmicas dentro e fora da universidade. Theodoro foi também admiradora das obras de Sérgio Buarque de Holanda, Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior, Maurice Dobb, Paul M. Swezy, Alain Toraine, Celso Furtado, Florestan Fernandes, Otavio Ianni, Luís Pereira, Fernando Henrique Cardoso, bem como, dos estruturalistas. Ao procurar entender a escola de Frankfurt, ela mergulhou na história das mentalidades, seguindo as tradições do Departamento de História da USP, no qual a *missão francesa* havia deixado raízes. Janice fez opção, à época, pelos universalistas contra os culturalistas. Procurou, ainda, compreender a *invisibilidade das revoluções* propostas por Thomas S. Kuhun que culminaram com a reflexão sobre a mudança dos paradigmas, naquele fim de milênio. Evidentemente, por ter vivido esta época de

maneira bastante engajada, a historiadora vislumbrou, nos anos 1970, alternativas que, que segundo ela, eram absolutamente utópicas. A relação entre a revolução e a possibilidade de se construir uma sociedade mais justa não era tão direta quanto se imaginava na ocasião.

Sobre os “estudos americanos” oferecidos no curso História de graduação da USP é unânime a decepção das especialistas dessa área quanto ao seu aproveitamento e, Maria Ligia nos revela que: “a História da América passara, sem nenhum interesse particular e que, a lembrança mais forte com relação à América Latina foi a de um seminário sobre industrialização na América Latina” (Prado, 2001). Foram somente os livros de Luis Pereira, com ensaios de sociologia do desenvolvimento e de Gunder Frank, analisando o desenvolvimento produzindo o subdesenvolvimento e as relações entre centro e periferia, que motivaram a aluna a continuar pesquisando essas questões.

As protagonistas acordam entre si quando afirmam que esses anos de graduação na USP lhes deixaram com “a cabeça cheia de teoria, mas com lacunas historiográficas que tiveram que ser preenchidas nas etapas seguintes” (Prado, 2001) e que as qualidades e defeitos da formação acadêmica se devem em grande parte àquela circunstância histórica. De acordo com Janice, essa ocorrência “vai ressoar na minha vida e na minha escrita das mais diversas formas até os dias de hoje” (Theodoro, 1996). E, prosseguindo, “some-se a esse patamar pessoal, histórico e bibliográfico uma formação acadêmica bastante conturbada por alguns meses de prisão” (Theodoro, 1996).

MESTRANDAS DESNUDANDO A “PERVERSA IDEOLOGIA BURGUESA”

Consoante Janice, especialmente nos anos 1960 e 1970, “a conjuntura nos encaminhava mais em direção à prática política do que propriamente para a escrita da história” (Theodoro, 1996). Mas mesmo assim, se prontificaram e se respaldaram intelectualmente para enfrentar os novos desafios acadêmicos da pós-graduação: o mestrado. E assim foi.

No final do curso de graduação, Maria Ligia e Maria Helena foram convidadas pelo professor Carlos Guilherme Mota - mentor intelectual de ambas – a fazerem juntas uma pesquisa sobre o jornal *O Estado de São Paulo*, no período de 1927 a 1937, analisando a ideologia liberal veiculada por esse periódico. A redação final teria uma única introdução e conclusão, diferenciando-se apenas nas balizas cronológicas. Para a ocasião, uma inusitada investigação histórica, visto que a imprensa era pouco utilizada como fonte documental e objeto de pesquisa nos estudos históricos.

Como sustentáculo para a pesquisa, as autoras optaram pelo conceito marxista de ideologia, mergulhando nas obras de Karl Marx que acabou tornando referência básica para o trabalho. Leram e releeram *A ideologia alemã*, de Marx e Engels e distanciaram de Louis Althusser, muito prestigiado à época, mas considerado insustentável pelas pesquisadoras, por acreditarem que na "ideologia alemã" se encontravam as respostas para o encaminhamento teórico da pesquisa. Valeram-se, também, das aulas dos professores Maria Sylvia Carvalho Franco, José Sebastião Witter, Suely Robles de Queiroz, Maria de Lourdes Mônaco Janotti e do próprio Carlos Guilherme Mota, intelectuais que marcaram fortemente a formação intelectual de ambas.

Em função ainda da pesquisa, as autoras recorreram aos clássicos para conhecer os fundamentos mais amplos do liberalismo e, para a compreensão da presença dessa corrente no Brasil, durante o período em questão, serviram-se do livro *Revolução de 1930* de Boris Fausto.

A defesa do mestrado duplo - o primeiro do novo regime de pós-graduação - em 1974, gerou um único livro, publicado em 1980 com o título de *O Bravo Matutino. Imprensa e Ideologia: o jornal "O Estado de S. Paulo"*.

O primeiro livro de Janice Theodoro - *Raízes da ideologia do planejamento: Nordeste (1889-1930)* - tese de mestrado defendida em 1975 foi publicado em 1978.

Com esse trabalho a autora propôs analisar o sistema político brasileiro do qual herdamos, pois nele está presente uma vontade política definida a priori. Por esses motivos, Janice leu, entre outras obras, *O Capital*, de Karl Marx e que, de acordo com ela, correspondia a uma espécie de "preparo mítico/acadêmico para uma posterior pregação heróico/bibliográfica" (Theodoro, 1996).

De qualquer forma, aquela geração, estava atrás do conhecimento que permitisse criar uma sociedade mais justa. Supunha-se possível fazer história se conseguisse "desnudar o mundo da perversa ideologia burguesa que havia impregnado a formação social brasileira" (Theodoro, 1996). A obra escrita no final dos anos 1970, além da temática da revolução, carrega também as marcas dos estruturalistas voltados para o estudo dos discursos políticos. A análise de estruturas narrativas visava recolocar em discussão questões vinculadas à infra e superestrutura.

Portanto, o mestrado de Janice voltou-se basicamente para questões atreladas à política interna. Questionando o papel do Estado, a autora analisou, através de um estudo de caso, a situação das elites e a desmobilização dos projetos mais radicais.

Naquele momento a ideologia do *progresso nacional* e o *planejamento* eram temas que deviam ser desmistificados.

MUDANDO DE RUMO NO DOUTORAMENTO

Quando iniciaram o doutoramento na Universidade de São Paulo, as especialistas já faziam parte do quadro de magistério da instituição, ministrando, sobretudo, aulas de História da América. Ligia e Theodoro entraram em 1975 e Capelato em 1985.

Enquanto Janice defendeu sua tese de doutoramento em 1981, com o título *São Paulo 1554-1930 - discurso ideológico e organização espacial*; Ligia um ano depois com *A Democracia Ilustrada - o Partido Democrático de São Paulo (1926-1934)* e, por fim, Capelato, em 1986, com *Os arautos do liberalismo - Imprensa Paulista. 1920-1945*.

Ao encerrar a década de 1980, as três já eram doutoras e seus trabalhos apresentavam, em linhas gerais, uma continuidade em relação ao mestrado e, como destacado, distanciados dos estudos americanos.

Coincidência ou não, as três dissertações defendidas foram resultados das pesquisas desenvolvidas na área de concentração de História do Brasil, mais precisamente focada na região de São Paulo. Mesmo sendo docentes da graduação e da pós-graduação em História da América, orientando e publicando trabalhos nessa área, as doutoras, ainda, não tinham se desvinculado totalmente da pesquisa em história brasileira.

Esse fato corrobora com a tese de que os estudos americanos na USP e nas universidades brasileiras, até aquele momento, não se configuravam como área prioritária para os pesquisadores especialistas em História da América.

Do ponto de vista teórico, que deram sustentação aos doutorados, Janice proclama que “[...] sou a expressão plena de uma geração formada pelo marxismo, diria mesmo que rezei a cartilha toda” (Theodoro, 1996), confirmado pelas demais, em seus memoriais, a preferência por esta concepção em suas origens e formação acadêmica da qual a tríade é tributária.

No entanto, as memorialistas, distintamente, durante a pesquisa e a escrita de suas teses já anunciavam prelúdios de um posicionamento crítico face às proposições marxistas, apoiados pelos argumentos de Maria Helena ao nos revelar que naquele momento, “estabeleceu um debate com as análises marxistas que insistiam na idéia do

reflexo supondo a superestrutura como determinada pela infra-estrutura, conceito estabelecido por Marx. (Capelato, 2006). A autora continua sua observação nos esclarecendo que aqueles escritos “foram relidos de forma particular por correntes que seguiram seu pensamento, numa direção diferente da proposta pelo autor, levando-me a mergulhar nos conceitos universais da cultura burguesa”. (Capelato, 2006).

Com alguns matizes diferenciados, o discurso ideológico, contemplado no mestrado, permanece no doutorado e, conforme Ligia, “do ponto de vista teórico, não tinham ocorrido mudanças substanciais e o conceito de ideologia permanecia como central em minhas reflexões” (Prado, 2001).

Para a sua tese, Janice além das obras de Marx, estudou os teóricos da dependência, bem como admirou as reflexões de Andrew Gunder Frank, entre outros, o que representou uma encruzilhada em seu percurso acadêmico. Se na segunda parte da obra prevalecem as antigas interpretações, notadamente as economicistas, na primeira anunciam-se algumas rupturas com as análises tradicionais no momento em que foram introduzidas reflexões oriundas da teoria das linguagens. E, segundo a própria Janice, “de qualquer forma a partir deste livro os meus escritos vão mudar de rumo” (Theodoro, 1996).

Depois do mestrado, Maria Helena viveu alguns anos na França. Naquele país, a historiadora mudou a direção de suas pesquisas anteriores e deslocou o objeto do seu estudo para a imprensa operária. Sob a orientação do professor Georges Haupt, iniciou o trabalho titulado “Les débuts du mouvement ouvrier au Brésil: l’anarchisme (1870-1906) coletando material em diversos institutos europeus. Nesse período, leu as obras dos historiadores da chamada “terceira geração dos Annales”, dos revisionistas ingleses, da historiografia italiana. No entanto, por diversos motivos, a pesquisadora teve que rever a temática do seu doutoramento.

De volta ao Brasil, em 1980, Capelato, escreveu um opúsculo a História da Folha de S. Paulo 1921-1981, publicado em co-autoria com o seu futuro orientador, Carlos Guilherme Mota. Este intento ampliou e aprofundou a investigação do mestrado através de um estudo comparativo dos principais órgãos da imprensa paulista entre os anos 1920-1945 com o objetivo de analisar os fundamentos da ideologia liberal expressa nos jornais da época.

Para Ligia a escolha do tema do doutoramento foi bem mais difícil. Já era docente do Departamento de História lecionando a disciplina História da América. Depois de indecisões, acabou acatando a sugestão de Boris Fausto para uma pesquisa

sobre o Partido Democrático de São Paulo. Orientada por Carlos Guilherme Mota, Lígia, assim, iniciou o seu doutorado.

Em se tratando da história de um partido político, sua preocupação estava voltada para as abordagens dos cientistas políticos e suas teorias sobre o mesmo. Para tanto leu os clássicos, entre outros, Robert Michels, Maurice Duverger e Antonio Gramsci e suas novas abordagens sobre os partidos políticos -; os teóricos alemães, Franz Neumann e Kurt Lenk com suas acepções sobre o moderno partido político. A autora dedicou parte da tese analisando correspondências: ofícios entre os comitês do interior e da capital, ao lado de cartas de pessoas "comuns" que escreviam ao partido pelos mais variados motivos. Acreditou, assim, ter superado o desafio de realizar uma análise de história política crítica e inovadora, mesmo tendo elegido as idéias e as práticas de setores das classes dominantes como objeto de pesquisa.

AMPLIANDO HORIZONTES DA HISTÓRIA NA LIVRE DOCÊNCIA

Os artigos produzidos durante a década de 1990 – indicam que as memorialistas diversificaram as linhas de pesquisas concebidas anteriormente e adentraram em domínios nunca antes visitados. É o que nos relata Janice, a primeira delas a realizar a livre docência, em 1991: “este processo de compreensão dos fenômenos históricos se fez acompanhar de uma reflexão sobre o cotidiano e creio que foi ela responsável por tantas mudanças” (Theodoro, 1996).

Ao pensar o mundo, as transformações históricas, pelas quais passou, Janice se lembra do quão paradoxal tinha sido a vida daquela geração: “capazes de propor um modelo de sociedade ideal, mas incapazes de compreender e transformar o cotidiano de cada um de nós em sua dimensão modesta, repetitiva e tantas vezes medíocres” (Theodoro, 1996). E mais, “tantos projetos marcados por mitos, cenas espetaculares, heróis e na vida real só havia homens” (Theodoro, 1996).

Com esses argumentos, Janice radicalizou e, na tentativa de melhor compreender o indivíduo e suas ambigüidades, permitiu-se escrever duas peças de teatro: *A sensatez e o saxofone*; e *Nosferatu: sinfonia de vida e morte*. Essas despertaram-lhe o desejo de elucubrar a trajetória do particular para o universal e, mais ainda, exercitou-a na destreza de deslocar significações. Partindo do princípio de que a realidade é estruturada lingüisticamente, Janice ao trabalhar com duas convenções - *a da veracidade e a da ficcionalidade* - atingiu um só exercício constitutivo, cujo resultado é a interpretação. E, fruindo os momentos desconexos entre as pequenas e a grande História, pode captar o

fundamental: a *ambigüidade*. Por incrível que pareça segundo Janice, a política não nos fez ver, obrigatoriamente, melhor.

Após o doutoramento, a historiadora escreveu dois textos: *Descobrimientos e Colonização e Descobrimientos e Renascimento*, publicados em 1991, com hipóteses inéditas, enveredando pela história das mentalidades.

A grande revelação desses escritos - marco e divisor de águas de sua produção histórica e da História da América no Brasil - é que com eles, a autora superou a tradicional visão da história da América sob ângulo exclusivo da destruição das civilizações pré-colombianas. Proposição sustentada e explicitada com o argumento de que a violência e a destruição das populações indígenas existiram sem dúvida alguma. No entanto, a história americana se fez através dos mecanismos de reconstituição frente a este embate.

Evidentemente Janice não gostaria que assim fosse. Contudo, a questão central que se insere tanto no período correspondente à destruição, como na atualidade é a de que forma podemos “reconstruir a história de uma sociedade que soube responder o desafio europeu, transformando-se para continuar existindo e existindo exatamente porque soube se transformar” (Theodoro, 1996). Esta reflexão ganhará tratamento mais acabado em *América Barroca. Tema e Variações*, tese de livre docência em 1991 e publicada em 1992.

No início do livro a autora fez valer da história das mentalidades e, no conjunto, versa, com esforço, uma reflexão original advinda das teorias da linguagem quando analisa o processo de criação cujo palco é a América pós-conquista. Para Theodoro (1996), “a América que surgiu nesses escritos não era uma só, mas sim muitas Américas”. Recorreu ainda a História da Cultura respaldando-se pelos escritos de Eric Auerbach, Michel Foucault, Rubén Bonifaz Nuño. Heinrich Wolffin, Walter Benjamin, Theodor W. Adorno, Sérgio Paulo Rouanet e de muitos outros autores *culturalistas* que haviam sido duramente criticados nos anos 1960 e 1970.

Com esse suporte, a autora enveredou por direções e temas pouco convencionais em relação à História da América. Em síntese, o mote central de *América Barroca* é aquele em que a autora analisa “[...] o processo pelo qual a América, em seu período barroco, favoreceu o desenvolvimento da articulação entre os acervos indígenas e europeus originando a fundação de culturas americanas”. (Theodoro, 1996, p. 14).

O maior obstáculo encontrado nesta apreciação foi o de recuperar o processo fundacional onde tradições diferenciadas (índia, européia e negra) passavam a compor um universo cultural comum.

Depois do doutoramento, Ligia seguiu outros caminhos, ampliando seus horizontes de historiadora, tanto no âmbito teórico, quanto no que se refere a novos objetos de pesquisa.

Chamou-lhe atenção, principalmente, a temática das universidades na América Latina, devido, em especial, às crises e as constantes mudanças ocorridas na USP. Para melhor entender as dificuldades que vinha enfrentando com a instituição, Ligia estudou as diversas concepções de universidade e os modelos historicamente construídos para, assim, apreender as relações entre essa instituição e a sociedade.

Do desdobramento da pesquisa anterior, a doutora compôs um ensaio sobre *natureza e identidade*, comparando as visões de Domingo F. Sarmiento com as de F. J. Turner, resultado de inúmeras leituras, entre elas, especialmente, a de Antonello Gerbi que lhe abriu horizontes para discutir as interpretações (inclusive políticas) sobre a natureza do continente. Publicou, nessa época, outro artigo sobre as novelas no Brasil Joanino, visando investigar a existência de um público feminino o que possibilitou estabelecer *uma interface com a história das mulheres*. Mas o que lhe interessava particularmente, era perceber o lugar público da mulher, sobretudo, na esfera da política e, a partir desse texto investigou a participação das mulheres nas lutas pela independência na América Latina.

Ligia elegeu, ainda, outros objetos de estudo. Ressalta-se um escrito inspirado na leitura do romance de Daniel Defoe, *Robinson Crusoe* (herói que naufragou no Caribe, depois de partir da Bahia, onde possuía uma fazenda de tabaco, para ir buscar escravos na África e que o famoso Sexta-feira era um índio caribenho) comparando-o com o original clássico com a versão, de 1972, de Michel Tournier, *Sexta-feira ou os limbos do Pacífico* e a do sul-africano J. M. Coetzee, *Foe*, de 1986.

Nesse período, revela a autora que o seu interesse intelectual, desde o mestrado até o doutorado, *esteve ancorado na história das ideologias e das instituições política*, nutrido pelas leituras de René Rémond, Jacques Juillard, Pierre Rosanvallon, bem como as de Roger Chartier e de Bronislaw Baczko com suas contribuições teóricas sobre o conceito de representação e de imaginário social. Ambos abriram novas possibilidades para a pesquisa na área de história política, quando esta se cruza com a história cultural e as ligações entre imaginário, representação e poder político.

Essa fecunda produção resultou na tese de livre docência publicada em 1999 com o título *América Latina no Século XIX. Telas, Tramas e Textos*. Trata-se de um conjunto de sete ensaios analíticos sobre temas da História da América Latina, no século XIX, no campo da história das idéias e das representações políticas.

Diferentemente das demais, Capelato, depois de anos prestados a história da imprensa no Brasil, dedicou-se quase que exclusivamente à livre docência. Percorreu outros percursos históricos, sem, contudo abandonar a experiência obtida anteriormente. Ampliou o uso das fontes e dos objetos de análise, introduziu, em suas investigações outros veículos de comunicação (rádio, cinema, fotografia, produção cultural).

Ao estudar a imprensa no Estado Novo, sentiu-se incitada a conhecer melhor a história desse período comparando-o com a Argentina peronista e o México cardenista, acreditando que havia pontos em comum entre essas experiências populistas no que diz respeito à política de massas.

Capelato elegeu como foco o exame dos mecanismos de dominação colocados em prática nesses regimes que se definiam como democráticos devido às suas políticas de assistencialismo popular. Com esse propósito, ousou *desmistificar a natureza democrática desses experimentos*, questão corrente à época em que acontecia a redemocratização do país e de outros do continente. Neste contexto, a história desse fenômeno político foi revisitada por historiadores brasileiros e argentinos tentando detectar traços de uma cultura política autoritária durante o Estado Novo e o peronismo.

Sua pesquisa direcionou-se para a propaganda política no varguismo e peronismo, objetivando explicar a continuidade daquele passado no imaginário político dos brasileiros e argentinos.

Isso implicou numa penosa discussão conceitual sobre imaginários sociais para o estudo da propaganda política em torno da definição da natureza dos mesmos caracterizados, por diferentes autores, como democráticos, populistas, fascistas, autoritários ou totalitários.

Mas foi principalmente a leitura de Bronislaw Baczko, que ofereceu a interpretação segura sobre os imaginários sociais, não só pelo fato de explicitar melhor a natureza do conceito e seus limites mas, sobretudo pela associação proposta pelo autor entre imaginários sociais e propaganda política.

Com esse instrumental a doutora defendeu a tese de que *as referidas políticas de massa latino-americanas tinham uma natureza autoritária, mas apresentavam*

características particulares. Essa foi transformada em livro, em 1998, com o título *Multidões em cena: Propaganda política no varguismo e peronismo*.

REFLETINDO SOBRE O PRESENTE E OLHANDO PARA O FUTURO

Terminado o concurso de livre docência, Ligia dedicou-se, por dois anos, à chefia do Departamento de História e, somente depois de finalizada aquela gestão, pode dedicar-se à pesquisa e à escrita. Redigiu capítulos de livros, entre eles, *Simón Rodríguez, mestre de primeiras letras* e contribuiu para um volume *A História vai ao Cinema* com o ensaio, *Gaijin - Os caminhos da liberdade: Tempo e História*. Compôs também um texto sobre as relações entre o Brasil e os Estados Unidos no século XX, traçando comparações entre as universidades brasileiras com as argentinas durante a década de 1930. Organizou, ainda, com Diana Vidal Gonçalves um livro que congrega os textos preparados para *Seminários – USP: Reflexões Irreverentes*.

Esta vasta produção intelectual não satisfaz a pesquisadora, pois nos últimos anos, interessada nos rumos da democracia na América Latina, elaborou, em co-autoria, um texto sobre identidades na América Latina, entre 1870 e 1930.

Mais recentemente a historiadora tem-se debruçado, como coordenadora, num projeto, envolvendo pesquisadores da área, denominado *Cultura e Política nas Américas: Circulação de idéias e Configuração de Identidades (séculos XIX e XX)*. Proposta esta que visa desenvolver variadas atividades de pesquisas em torno da problemática “circulação de idéias e saberes” e à “construção de identidades culturais e políticas nas Américas dos séculos XIX e XX”. As pesquisas apresentadas se inserem na intersecção dos campos da história política renovada e da história intelectual em constante diálogo com a história da cultura.

Capelato, após a livre-docência, debruçou num projeto de pesquisa sobre a propaganda política do *franquismo* veiculada em livros infantis espanhóis, demonstrando de como que essa documentação, de natureza pedagógica, tornou-se instrumento de doutrinação das crianças, constituindo-se, também, em poderosa arma de propaganda atingindo as comunidades escolares daquele país. Texto que gerou uma publicação em 2009 intitulada: *Ensino primário franquista: os livros escolares como instrumento de doutrinação infantil*. Atualmente, Maria Helena Capelato coordena um projeto temático sobre “identidades culturais e projetos políticos no mundo americano e ibérico” a partir da seleção de obras de autores latino-americanos, intelectuais consagrados que entre as décadas de 1930 e 1960 se preocuparam em definir a essência

do “caráter nacional” em seus respectivos países. O projeto visa identificar características nacionais responsáveis pelo “atraso” dos países da América Latina em relação aos países europeus e Estados Unidos. O desdobramento desse empreendimento resultou num artigo publicado em 2009: *Intelectuais latino-americanos: o 'caráter nacional' em questão*.

Depois da livre docência, Theodoro (1996) se pergunta: “qual seria a diferença entre a minha reflexão e livros produzidos anteriormente onde se tratava da questão da miscigenação?”. Em resposta, a historiadora nos esclarece que “a diferença está contida na análise das próprias tradições indígenas as quais permitiram e permitem um amálgama” (Theodoro, 1996).

Para Janice, o europeu tende a descrever para apartar e, neste sentido, o protagonista da junção não é o europeu, mas sim o índio que havia inventado *formas de integração e aproximação cultural*. Isto porque as relações de reciprocidade em algumas regiões da América favoreciam diferentes modalidades de convívios interétnicos. Esta suposição resultou em grande parte da pesquisa elaborada em conjunto com outros pesquisadores na École des Hautes Études em Sciences Sociales, Paris, sob a direção do Professor Serge Gruzinski.

Janice percebeu que as proposições dos especialistas apontavam a mestiçagem com um dos focos importantes de análise. No entanto, a América, pela ótica do grupo, era pensada a partir do índio e do negro e, dificilmente, conseguiam enfrentar o desafio de compreender em profundidade a mestiçagem latino-americana, salvo exceção o momento das independências quando o *criollo* foi valorizado.

Continuando as reflexões propostas em *América Barroca*, Janice encabeçou um projeto intitulado *América Romântica*, em que a autora translada a tese da percepção do mundo americano para aquela em que só nos permitia ver tendo a Europa como *especulum*.

Prosseguindo seu interesse sobre as relações interétnicas, Janice se desloca no tempo e no espaço para revisitar as possíveis conexões entre o Ocidente e Oriente. O tema da história do ocidente foi desdobrado em outros: a montagem de uma economia mundial iniciada em Portugal, a organização dos impérios coloniais, a formação dos Estados nacionais e, finalmente, o difícil processo de descolonização, com o retorno da administração de Hong Kong (1977) e de Macau (1999) à China. Assim, o mesmo objeto responsável pela América Barroca aparece nas seguintes obras do período:

Mestiçagens: Ocidente e Oriente (os macaenses entre dois mundos) e Extremo Ocidente e Extremo oriente: conflito e negociação, com a discussão da problemática da mestiçagem dentro de um novo contexto.

Mais recentemente, num esforço para compreender realidades virtuais, a pesquisadora mergulhou na produção de um CD ROM com o tema sobre romantismo captado pelos viajantes do século XIX. Conforme Janice, esses foram capazes de *descobrir, pela segunda vez para os europeus, uma América que permanecia encoberta por uma infinidade de sonhos e projeções*. Para isso foram reunidas 500 obras produzidas por Rugendas em sua viagem pela América Latina. A pesquisadora continua, com uma empresa literária, na escrita de um livro sobre a América Romântica, em parte delineado no artigo onde analisa a expressão América Latina. Não contente Janice coordena, desde 2008, a elaboração de um projeto em conjunto com outros pesquisadores da área, com metas a finalizar em 2012. Trata-se de uma análise da história política da América Espanhola, no período colonial, por meio da crônica e dos principais teóricos e juristas dos séculos XVI, XVII e XVIII, com o título: *Direitos e Justiças nas Américas*.

É interessante observar que as pesquisadoras, após a livre docência, movidas por constantes inquietações intelectuais e buscando outras respostas para seus projetos específicos, lançaram-se em vôos mais altos, abrindo novas rotas de investigação.

Assim partiram, novamente, para o exterior, descortinando outros trajetos e contextos ainda inusitados para as suas linhas de pesquisas. Retornaram ao país com mais solidez, revisando e revolucionando, os estudos americanos no Brasil.

Ligia, entre muitas viagens aos Estados Unidos, realizou pesquisas sistemáticas, nas quais encontrou material sobre a história de diversos países latino-americanos, permitindo-lhe, assim, entrar pelo campo das comparações. Sua atenção acabou se centrando no século XIX, pois considera esse período extremamente interessante para pensar temáticas que são fundamentais até o presente: democracia, identidades, nacionalismo. Na França, Ligia utilizou como fonte de pesquisa a *Revue des deux mondes*, a mais antiga e vivente revista européia, o que resultou em textos inovadores, entre eles uma análise sobre as projeções do mundo europeu na América Latina.

Janice esteve no Oriente em 1995, ampliando a discussão da problemática da mestiçagem em novos contextos. Revigorada intelectualmente com as descobertas científicas, a pesquisadora enriqueceu ainda mais seus projetos anteriores, explicando

como o convívio interétnico pode favorecer aproximações entre culturas diferenciadas sem que, obrigatoriamente, se produzam conflitos.

Capelato, seguindo a temática de sua livre docência – estudo comparativo entre o varguismo e o peronismo – viajou para a Espanha a fim de investigar a propaganda do franquismo veiculada nos manuais didáticos infantis. A partir dessa vivência, buscou esboçar comparações entre a experiência franquista, varguista, peronista e salazarista o que lhe permitiu, de forma particular, relacionar a história da América Latina com a História da Espanha. Esta pesquisa derivou o texto: *Formação da Identidade nacional através dos livros infantis (1930/1950)*.

AMERICA LATINA COMO CAMPO DE ESTUDO

Como se pode observar, a trajetória das memorialistas serve como termômetro para rastrear os estudos americanos produzidos na academia brasileira desvelando que a priorização dessa área teve que aguardar décadas para que se afirmasse como tal. Isso ficou evidente em seus trabalhos. Somente após a livre docência é que se concretizou, de fato e com exclusividade, o foco para temáticas direcionadas para a história hispano-americana.

Este descompasso temporal se deve ao fato de uma formação acadêmica precária e desestimulante nos estudos americanos quando alunas do curso de História da USP. Enfatizam que a opção pela área ocorreu de forma casual e não como um projeto profissional acadêmico definido e desejado. O acaso foi responsável por essa trajetória. Tal feito explica em parte devido ao desinteresse pelo estudo da América Latina entre as elites e a intelectualidade brasileira, incluindo historiadores, que sempre desdenharam a história hispano-americana. Considerada uma história menor, foi pouco presente no conjunto da pesquisa universitária no Brasil, e sempre ocupou posição desconfortável entre as demais disciplinas “históricas” integrantes do currículo do curso de História. Para essa disciplina, esboça-se, ainda, o ensejo do despertar de uma nova visão acadêmica nacional em relação a esse campo de conhecimento.

Ligia confirma que é “extremamente difícil permanecer na rota dos estudos latino-americanos, num país que insiste preferencialmente em olhar para a Europa e os Estados Unidos” (Prado, 2001). Historicamente, nossos intelectuais viveram absortos em relação à cultura latino-americana e concentrados nos modelos intelectuais

exógenos. A América Latina, em geral, é vista como área secundária, em que as paixões políticas e ideológicas se sobrepõem ao estudo sério e rigoroso.

Assim, continua Ligia, “o historiador comprometido com as temáticas latino-americanas necessita de maiores cuidados e disciplina dobrada para afirmar seus trabalhos” (Prado, 2001). Depois de todos esses anos, Ligia ainda pensa que “é muito mais estimulante olhar o Brasil ao lado dos países de colonização espanhola do que manter o olhar fixo na Europa” (Prado, 2001).

Corroborando com essas proposições o fato de, ainda hoje, o Brasil se sentir pouco confortável em se perceber latino-americano e os demais países vizinhos também, em proporções menores.

Janice, avaliando o significado do surgimento da expressão América Latina no século XIX, brilhantemente, esclarece sobre esse longo processo, “marcado pela capacidade de o americano “encarnar” o que o Outro queria que ele fosse” (Theodoro, 1996). Isto resultou na propagação de um anseio de latinidade que em sua versão americana aproximava mais do que separava. Independente de existir um latino-americano ou não, *os americanos souberam produzi-lo fantasticamente*. Questiona Janice: resta saber por que a expressão América Latina passa a ser posta em questão exatamente agora, neste pós Guerra Fria. Hoje dispomos de condição para viver sem o *especulum*. “Podemos discutir a nossa condição de latino-americanos, podemos viver num mundo tendente à globalização negociando, sem que seja necessário, para a constituição de nossas identidades, produzir conflitos” (Theodoro, 1996).

Preocupadas em melhor entender as complexas relações históricas entre o Brasil e a América Latina, as especialistas escreveram textos reveladores sobre este processo. Janice, primeiramente, nos agraciou com um memorável artigo intitulado *América Latina: a visão especular*, publicado em 1997; no ano 2000, foi a vez de Capelato que refletiu sobre *O Gigante Brasileiro na América Latina*; e, finalmente, em 2001, Maria Ligia Prado com o texto *O Brasil e a distante América do Sul*.

Mas Capelato, nos lembra, historiando, que a partir dos anos 1960, ainda que tardiamente, esse quadro começou, lentamente, a se modificar. Alguns intelectuais brasileiros em parcerias com os de outros países da região, oriundos das ciências sociais deram contribuição significativa nesses primeiros tempos, mesmo que tenham se preocupado em oferecer interpretações generalizantes sobre o processo histórico da América Latina.

Outro acontecimento expressivo – para todos que no Brasil pesquisam a História da América Latina – foi a formação da Associação Nacional de Pesquisadores Latino-Americanos e Caribenhos (ANPHLAC) em 1993. Desde 1984, os professores de História da América vinham tentando se organizar numa associação nacional que os aproximasse e que criasse possibilidades de trocas de experiências. A associação vem cumprindo um papel fundamental como incentivadora do estudo e da pesquisa da história da América Latina no Brasil.

Uma iniciativa da qual a pesquisadora foi assídua colaboradora, é o Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana (PROLAM). Segundo Capelato, atualmente os professores de História da América do Departamento de História pouco contribuem com o PROLAM porque a demanda da Pós-Graduação, nesta área, tornou-se muito maior, tanto no que se refere à América Colonial, quanto à América Independente.

Hoje, inúmeras universidades brasileiras contam com especialistas competentes que contribuem para os avanços da historiografia latino-americana em geral. Fora do campo acadêmico, alerta Maria Helena que “o interesse que a América Latina desperta atualmente, está mais relacionado às possibilidades de mercado oferecidas a partir da formação de Blocos Econômicos como o MERCOSUL” (Capelato, 2006).

Ligia complementa Capelato e declara que, pelo menos no Departamento de História da USP, a História da América cresceu muito em prestígio, se comparada à época em que ela era estudante. E, entre outros exemplos, cita que essa área tem estado muito próxima dos professores do Departamento de literatura hispano-americana. Esses diálogos têm contribuído enormemente para o enriquecimento das pesquisas e da docência na USP. No momento, o Departamento está credenciando uma nova disciplina – *Estudos Latino-Americanos* – que será ministrada conjuntamente pelas duas áreas: uma melhoria expressiva para a efetivação de um trabalho conjunto ainda mais profícuo.

Portanto, revendo o itinerário da História da América, pela ótica das memorialistas, constatou-se avanços significativos, considerando o desinteresse que existia em relação à história da América Hispânica até a década de 1970.

OLHARES RETROSPECTIVOS

Mas, no fim das contas, o que significa fazer um memorial? Maria Helena dá a resposta: “[...] uma das formas de fazer memória e que esta é simultaneamente fiel e

móvel, necessariamente lacunar, e fala sempre mais sobre o presente do que do passado, tal como a História, por certo” (Capelato, 2006). Ao finalizar esta tarefa, revendo a sua trajetória, a memorialista acredita que este exercício possibilitou escrever **sobre a história** da sua vida profissional e, que esta não teria sido viável senão **com a história**.

Janice, rememorando seu itinerário político e profissional, confessa que ao olhar a sua produção da década de 1970 percebeu que a sua geração criou utopias, complementando “quem viveu os anos chamados dourados e tentou a duras penas romper antigas tradições, a ruptura doeu, mas, felizmente, resultou na quebra de percepções estáticas e obscurantistas de que éramos herdeiros” (Theodoro, 1996).

A memorialista, prosseguindo a sua avaliação sobre esta extraordinária trajetória, nos informa que nos anos 1970 a problemática política era a mais visível, enquanto nos anos 1980 as questões culturais ganharam prestígios nas discussões intelectuais. E, com um balanço resumido delineia esse percurso: “parto de um olhar mais centrado no político, depois enveredo para questões culturais e finalmente me deparo, de frente, com questões ligadas à própria constituição das linguagens” (Theodoro, 1996). E, ao encerrar seu memorial a narradora declara que vive em desacerto com a sua obra.

Ligia, por outro lado, expõe alguns comentários de caráter pessoal no final do memorial. A autora diz que sua relação com o conhecimento histórico foi sempre atravessada pela paixão e, desde o início de sua carreira, História e Política andavam juntas todo o tempo. Para as perguntas e inquietações vividas buscava respostas na História

Hoje, continua a memorialista, com um olhar retrospectivo, que nunca perdeu integralmente esse tipo de preocupação, ainda que tenha mudado bastante e passado a valorizar enormemente o ofício do historiador, a erudição. Para tanto a autora tem-se permitido escrever sobre determinado tema por prazer, curiosidade intelectual, deleite de criação.

Mas em uma coisa Ligia é categórica: “[...] não existe espaço igual em termos de liberdade de criação, de estímulo intelectual, de possibilidade de crítica”, que o Departamento de História da Universidade de São Paulo e, este sempre teve um significado muito forte em sua vida. E, prosseguindo, com uma escrita emocional confessa que “até hoje, não perdi o prazer de dar aulas para nossos alunos que são, como já disse em outra ocasião, o sal de nossa vida acadêmica” (Prado, 2001).

Finalizando o seu memorial a autora comenta sobre o ofício de historiador que ainda continua encantá-la em todas as suas etapas - da pesquisa das fontes à finalização do texto - e que, do ponto de vista estritamente pessoal, a escolha feita pelo curso de História, naquela época, foi inteiramente acertada

DOCUMENTOS

Memorial para concurso de professor Titular em História da América, junto ao Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. (Janice Theodoro da Silva, 1996; Maria Helena Rolim Capelato, 2006 e Maria Lígia Coelho Prado, 2001).

BIBLIOGRAFIA

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos e abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. P. 183-191.
- BUENO, Belmira Oliveira. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. In: *Educação e Pesquisa*, v. 28, n.1, São Paulo, jan/jun, 2002.
- ERRANTE, Antoinette. Mas Afinal, A Memória é de Quem? Histórias Orais e Modos de Lembrar e Contar. In: *História da educação*. Pelotas (8): 141-174, set. 2000.
- GOODSON, Ivor. Dar voz ao professor: as histórias de vida dos professores e seu desenvolvimento profissional. In: NÓVOA, António. (org.). *Vidas de professores*. 2. ed. Porto: Editora Porto, 2000. P. 63-78.
- MARRE, Jacques Andre Leon. História de vida e método biográfico. In: *Cadernos de sociologia* (Porto Alegre), Porto Alegre Vol. 3, n. 3 (jan./jun. 1991), p. 89-141.
- NOGUEIRA, Eliane Greice Davanço. *A escrita de memoriais a favor da pesquisa e da formação*. Anais II CIPA – UNEB. Salvador, 2006.
- NÓVOA, A., FINGER, M. *O método (auto)biográfico e a formação*. Lisboa, MS/DRHS/CFAP, 1988.
- NÓVOA, António. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (org.). *Vidas de professores*. Porto: Editora Porto, 2000. P. 11-30.
- PEREIRA, Lígia Maria Leite. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. In: *História Oral*, 3, 2000, p.117-27.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2007.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. *Metodologia do Trabalho Científico*. 21. ed, São Paulo: Cortez, 2001.